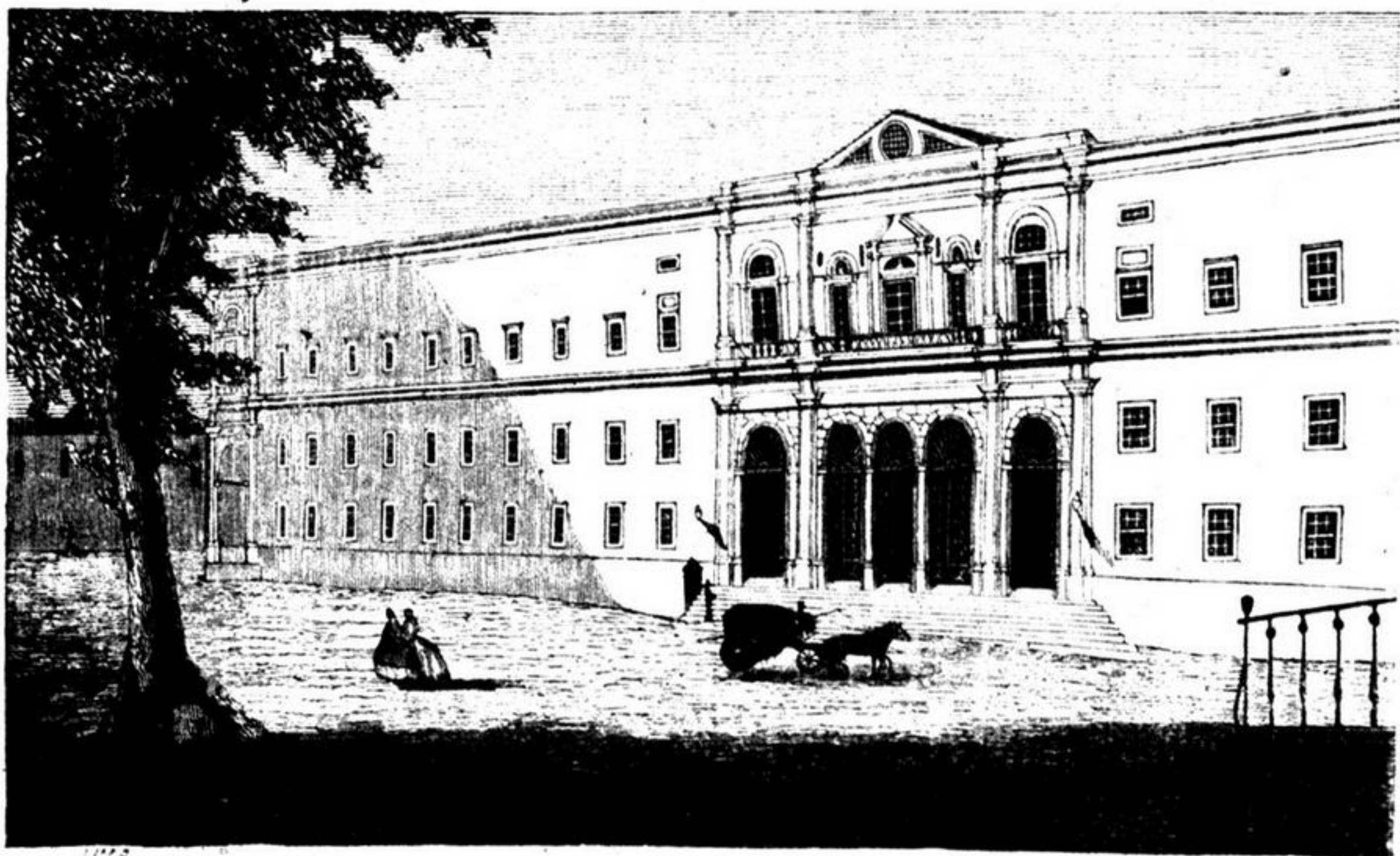


## O PALACIO DAS CORTES

De todas as ordens religiosas do Occidente, a mais importante, a que maiores serviços prestou ao christianismo foi, indubitavelmente, a ordem dos Benedictinos. A sua fundação deve-se a S. Bento de Nursia, varão de raras virtudes, que pelos annos 529 mandara construir no monte Cassino, em Napoles, um convento, que logo denominou dos Benedictinos.

A regra d'esta utilissima instituição era uma escolha dos melhores regulamentos observados nos mosteiros do Oriente; tinha por fim principal prevenir os inconvenientes da vida puramente contemplativa e fazia do trabalho um dever. Esta regra foi considerada de modo tal superior a todas quantas até então haviam regido o clero regular, que os frades não quizeram outra; d'ali em diante, as abbasias tornaram-se em verdadeiras colonias agricolas, e, se nos permit-



Palacio das Côrtes

tem a expressão, verdadeiras colonias intellectuaes, disseminadas nos paizes os mais selvagens para ahi ensinarem o trabalho e derramarem todos os fructos da civilisação christã.

Não se prolongou, porém, por muito tempo essa dedicação, esse exemplar procedimento com que os monges benedictinos penetraram os umbraes do mundo christão, que deram lugar a que a sua ordem attingisse o mais elevado grau de esplendor e opulencia e se tornasse a mais respeitada de todas as instituições monasticas; infelizmente, como quasi todas as outras ordens religiosas, a de S. Bento começou a proceder tão irregularmente, a commetter abusos taes, que descaio muitissimo do conceito em que a tinham todos os povos; e, apesar das diversas reformas que depois soffreu, nunca mais pode readquirir o seu antigo credito e grandeza.

Mas, o nosso fim, não é escrevermos a historia d'esta ordem; e se acêrca d'ella traçamos meia duzia de linhas, é porque tem toda a relação com o assumpto de que, mui resumidamente, vamos fallar.

A primeira casa conventual que os Benedictinos tiveram em Lisboa foi edificada no sitio chamado hoje Largo da Estrella. Concorreu para a sua construcção o cardeal infante D. Henrique, a quem o abba de geral e reformador da ordem,

frei Pedro de Chaves, propoz a fundação de um mosteiro de S. Bento, em Lisboa. Até então os monges d'esta ordem, que tantos conventos tinham edificado nas provincias de Portugal desde o seculo onze, não possuíam casa na capital. Levou dois annos a fabricar a egreja com acomodações para trinta monges; e foi na noite de Natal de 1573 que n'ella se celebrou a primeira Missa.

Em 1597, porém, resolveram os benedictinos, em capitulo geral, fundar um outro convento que mais proximo ficasse da cidade, e em sitio mais benigno que não o da Estrella, por ser continuamente mui castigado pelos ventos que ali li circulam. Não dista muito o lugar escolhido para esta segunda fabrica; mas, não obstante, avantajava-se ás condições da primeira, porque, por uma parte se pôde dizer que ficava no campo, condição requerida pela profissão da vida monachal; e por outra, como estava assás proximo da cidade, mais facilmente podiam os habitantes visitar a egreja, e procurar os padres do convento. Tomou conta da obra o celebre architecto Balthazar Alvares, que tanto se tinha já distinguido em muitas obras de vulto; e levantou-se o edificio de S. Bento, tal como o vemos, e não como deveriamos vêr, porque uma parte ficou em desenho. Foi superintendente o

padre frei Pedro Quaresma, o qual, sendo geral da congregação o mui reverendo frei Balthazar de Braga, deu principio á obra no anno de 1598.

Tudo parece, pelo menos para a época d'esta grandiosa fundação, apropriado e providente na traça geral do edificio, em cuja frente se estende um vasto largo, para dar lugar a muitas carruagens, cercado n'esse tempo de um muro com duas portas, que de noite se fechavam e uma das quaes olhava para o frontespicio da igreja, e a outra, collocada a um lado da frontaria, olhava para o sul.

Todos conhecem o edificio de S. Bento, por isso achamos prolixo e superfluo descrevel-o.

Este edificio foi um dos raros que o horrivel terramoto de 1755 respeitou completamente. As modificações que hoje apresenta são poucas e datam de 1834, em que pela extincção das ordens religiosas se destinou o convento para palacio das côrtes, arborisando-se parte do largo, que em 1852 se terraplenou, e fazendo-se-lhe a bella cortina, que hoje vemos, com os dois largos e magestosos lances de escadaria de pedra, para a rua de S. Bento.

No extincto mosteiro, tambem se acha o archivo nacional ou torre do tombo, que, do Castello de S. Jorge, para ali se mudou em 1735; e modernamente a repartição geodesica e topographica do reino, de que é dignissimo director o sr. Philippe Folque.

A nossa estampa dá, pouco mais ou menos, uma idéa d'este notavel e historico edificio. Em quanto ás obras recentemente principiadas na parte de oeste nada diremos, porque a opinião que temos ácerca do modo porque a sua fabricação correu não poderia deixar de ser inconveniente para a indole e programma d'esta folha.

## VOLTAIRE

(Conclusão)

Procurámos mostrar em rapidos lineamentos as principaes feições do poeta da *Zaira*; sendo a nossa missão consideral-o, principalmente, em relação ao papel que lhe coube na litteratura franceza do seculo 18.º, indicámos de leve o pensamento salutar da sua philosophia, a sua influencia, e os resultados que derivaram d'ella, por nos parecer que a apreciação de um escriptor, como Voltaire, ficaria incompleta se lhe não buscássemos, primeiro, as verdadeiras crenças e os intimos intuitos. Agora pouco mais nos resta. Não é n'uma tentativa humilde que podem caber as largas considerações e os profundos raciocinios; demais, o espirito de Voltaire abrangue uma tão grande area de conhecimentos, produziu um tamanho numero de trabalhos diversos, que mal os poderíamos apresentar em catalogo. Ha muito que a boa critica se occupa d'este vulto eminente; os doestos de sacristia, as imprecações fradescas, as excommunhões que os synodos de beatas velhas e de irmãos-terceiros haviam lançado sobre o auctor do *Diccionario philosophico*, teem-se sumido de todo. Hoje em dia, a razão dos povos, mais esclarecida e mais lucida, principia a comprehender o que ha de respeitavel n'estes revolucionarios sublimes, e a saber que a unica benção

de que a humanidade carece é d'aquella que o proprio Voltaire deitou ao neto de Franklin: «*God and Liberty!*»

Terminaremos, pois, este bosquejo relanceando o olhar pelas obras historicas do grande homem; convém mesmo averiguar se Voltaire, como historiadore, pôde entrar na primeira linha dos que trabalham em taes assumptos, ou se apenas foi um compilador, sem a agudeza, a logica, o largo traço, a concatenação nas idéas, tudo, enfim, que deve ser attributo de quem ousa afastar a sombra dos seculos do vasto edificio do passado.

Chateaubriand disse d'elle as seguintes palavras: «—*Voltaire, c'est peut-être encore, après Bossuet, le premier historien de la France.*»— Semelhante gabo na bocca de um homem tão insuspeito como o auctor do *Genio do Christianismo*, bastaria de per si para firmar os creditos d'aquella que o recebe; é bom, comtudo, descermos um pouco á analyse, e vermos ainda o que o *après Bossuet* pôde significar rigorosamente.

O que é o *Discurso sobre a historia universal*? O proprio Chateaubriand que se encarregue de nol-o dizer:— «A primeira parte d'elle é admiravel pela narração, a segunda pela sublimidade do estylo e elevado alcance das idéas, a terceira pela gravidade das reflexões moraes e politicas.» — Eis o conceito, eis o juizo, eis a sentença do mestre. Quando se trata da exposição dos factos, conhece-se n'esse livro a segura facilidade do homem para quem os successos remotos são como que acontecimentos presentes; que os relata com aquella fluencia que só vem das intimas fontes do saber e do talento. Depois, o estylo levanta-se; o que era apenas esboço converte-se em magestoso quadro; os olhos recream-se pelas magnificencias de um colorido harmonioso, e o espirito começa a profundar as secretas disposições que prepararam as cousas. Mas, porque ha de avultar sempre, em meio dos maiores imperios e dos maiores succedimentos, uma raça de homens erradios e pequenos? Porque ha de voltear em torno d'elles, como em torno de um grande principio, tudo o que foi mais nobre e mais sublime! Eis a macula capital de Bossuet; eis o defeito que lhe aponta V. Cousin. Na historia da humanidade não se pôde encarar exclusivamente um simples elemento; é preciso tratar de todos que formaram, pelo seu conjuncto, a harmonia social, e que levaram os homens atravez de todos os seculos e de todos os aperfeiçoamentos.

Bossuet, pelo seu caracter, pelo seu seculo, pela sua posição especial, vio a historia sob o ponto theologico, fez reflectir sobre ella a acção constante de Deus, agrupou em volta da religião todos os acontecimentos, dando, por este modo, ao seu trabalho um optimismo incessante. Ergue-se o povo judeu, e na penumbra do seu vulto perdem-se todas as nacionalidades; apparece o mosaismo, e nas paginas dos seus livros escondem-se todas as religiões, mais ou menos vastas, que formam o culto do universo; espraíam-se os olhos procurando a immensidade, e os olhos pa-

ram nos curtos limites d'Israel! Bossuet escreveu, não uma historia universal, mas a historia do povo judeu, considerada em relação com a historia dos outros povos. Sei-o, sim, sei que esse povo foi maravilhoso; mas n'um quadro geral, n'um quadro de todos os homens, o que é elle para os Assyrios, para os Persas, para os Egypcios, para os Gregos, para os Romanos? Como poderá absorver e eclipsar esses imperios grandiosos onde ao lado da força brutal e da ostentação fastosa radiam as alvoradas eternas dos descobrimentos?

No quadro dos povos, o hebreu deve apparecer como todos; mas não erguer em meio d'elles a milagrosa columna do deserto, para se collocar a si do lado em que a luz brilha, deixando o resto da humanidade coberta pela escuridão da noite.

Voltaire firmou a historia no seu verdadeiro terreno; deitando a vista pelos largos horizontes das nações, vio-lhes os costumes, o espirito, as artes, as sciencias, as leis, a administração publica, tudo o que constitue a vida dos povos, e sem o que não poderá ser util a historia. Do seu *Ensaio* é que, até certo ponto, procede a escola ingleza, a cuja frente se inscrevem os nomes de *Hume*, de *Gibbon* e de *Robertson*. Accusaram-no então de frivolo como diz Condorcet, por ser claro; de inexacto, porque este ou aquelle erro de data se encontrava em lavor de tamanho folego; de parcial, porque soube assentar o latego sobre os enormes feitos do despotismo sacerdotal.

— «*L'auteur n'a peut-être à se reprocher que de n'en avoir pas assez dit;*» — escrevia elle n'uma replica graciosa a não sei que fanatico da época; a posteridade fez justiça, e entre os maiores historiadores modernos deu lugar honroso ao auctor do *Ensaio* e do *Seculo de Luiz 14.* Antes d'elle, Bossuet, como já dissemos, havia traçado com o seu admiravel estylo de propheta a historia do povo de Deus, mas historia circumscripta, sem a profunda observação philosophica, nem o estudo do intimo viver dos povos; no *Discurso*, o que prepondera é a eloquencia. Voltaire veio, e sem roubar á historia as galas da elocução nem tam pouco as florescencias imaginosas, tornou-a mais entranhadamente observadora, fel-a apreciar melhor os factos, confiou-lhe um poder mais amplo. Os povos, desfilando ante esse juiz perscrutador e recto, sentiram-se inundados pela viva luz do seu olhar; os cancos e as torpezas tiveram de ostentar a sua hediondez repugnante.

Tal foi em resumo Voltaire, o maior genio do seculo 18.º Espirito de uma vastidão incalculavel, lucta com Euler, cria, por assim dizer, em França o poema epico, corôa-se com os louros de Racine e de Corneille, dá a mão a Diderot e a d'Alembert para levantarem o templo da redempção social, escreve o *Diccionario philosophico*, esse soberbo repositorio de todos os conhecimentos, trava da lyra horaciana e desfere-lhe os sons mais melódiosos, escreve *Candido*, esse modelo de humorismo, estende uma das mãos a Frederico da Prussia e outra a Parny, isto é, encaminha a

realeza com a auctoridade do seu conselho, e educa a poesia com a delicadeza do seu gosto, portia em dotar a humanidade com as obras mais valiosas, até que em fim, prostrado pelos seus trabalhos herculeos, descança na immortalidade.

Na vida de Voltaire, sejamos em tudo justos, ha duas maculas capitaes, duas maculas de que o proprio V. Hugo não ousa ainda hoje remil-o, e que lhe hão de ficar indeleveis: o seu poema a *Pucelle*, e as suas affrontas a Shakespeare. A gargalhada do sarcasmo pôde ser bella em face do jesuita Nonotte, do poeta Rousseau, de la Beaumelle, ou ainda mesmo do *barbaro* Crébillon; mas é sempre imperdoavel, quando com ella se tenta aviltar o genio e menoscabar a virtude.

E. A. VIDAL.

### O SOMNO DAS PLANTAS

Mas, ¿em que consiste essa grande differença entre o lupinus e o trifolio? ¿porquê tendencias tão distinctas entre duas plantas da mesma familia? ¿porquê essa antipathia? A uma dellas fal-a crescer o orvalho ¿podrá prejudical-a tanto á outra que tenha necessidade de resguardar-se d'elle?

Se em os nossos paizes é tão grande a differença entre o dia e a noite no estado das plantas, esta differença é muito maior nos paizes intertropicaes; pela tarde começam já seus movimentos regulados pelo astro que desce, cujos ultimos resplendores allumiam ainda no curto crepusculo o momento do seu breve adormecimento. As mimosas e os tamarindos da America (plantas que dormem muito) fecham as folhas 25 ou 30 minutos antes do pôr do sol e não as abrem senão muito tempo depois da appareção do brilhante astro do dia.

Em S. Jeronymo e outros pontos da America meridional encontram-se nos campos, entre a herva, uma multidão de plantas da familia das sensitivas que, abatidas pelo calor do dia, adormecem de tarde antes do sol posto, pelo que se lhes deu o nome de *dormideiras*. Os animaes que frequentam aquelles lugares procuram com ardor aquellas plantas. Se durante o dia alguma dellas é destroçada por algum animal faminto, deixa-se cair por terra em seguida e communica a sua sensação ás vizinhas, de modo que annuncia o perigo; e vêem-se então as pobres flores agitarem-se e cairem sem poderem fugir á morte.

Vêem-se tambem plantas dormir como os animaes e este somno põe-nas em um estado mui proximo do da sua infancia. O renovo recorda confusamente como estava dobrado quando, antes de abrir, jazia no somno lethargico do inverno, involto suavemente e resguardado do frio pela sua impenetravel capa, e todas as noites trata de procurar a sua antiga postura, como se sentira ter perdido a tranquillidade e quizesse recobrar a posição da sua primeira idade; ha, porem, outras plantas de maior semelhança com os animaes, que na sua juventude dormem muito e cujas folhas, á medida que envelhecem, velam mais e vão dormindo pouco até chegarem a não dormir e vir a morte em lugar do somno.

Esta propensão ao somno na infancia é mui notavel na acacia de Santa Helena (*Acacia pendula*.) Esta planta dorme todas as noites, como a

sensitiva, elevando as suas folhas; durante alguns mezes apresentam-se estas folhas que dormem; mas depressa apparecem as verdadeiras folhas, que não dormem e se conservam sempre na mesma posição.

Tudo na natureza se toca e encadêa; na folha de uma pequena planta vemos a imagem da nossa propria existencia: a debilidade da infancia e a frescura da juventude; o largo somno dos primeiros annos; logo a actividade constante, a falta de flexibilidade e de somno na velhice, e a tranquillidade na morte.

Ha flores cujo somno começa muito cedo e acaba muito tarde; outras tem um somno que nada o interrompe e do qual lhes custa a sair quando está nublado; e algumas vezes não saem do seu estado de somnolencia em quanto a atmospheria não se acha completamente pura e desembaraçada.

A chicória silvestre fecha as suas formosas flores azues ás onze horas da manhã e permanece no mais profundo somno até ás tres ou quatro horas da tarde.

A myosotis, com a sua dourada flor, abre a corolla á luz, porem fecha-a durante a força do sol.

As rosas d'agua, com a sua corôa de folhas polpudas, dormem sobre as ondas, como as aves aquaticas e não despertam em quanto não sentem a viração da manhã. Vêem-se como açucenas fluctuantes, estendidas nos arroyos e nos lagos esperando a luz do dia, para levantarem as suas hastes, abrirem os seus calices e mostrarem todo o seu esplendor.

Não é só em os nossos paizes que dormem as rosas d'agua: tambem o loto e o nelumbo que se dobram aos ventos nas planicies do Nilo e do Ganges e a magnifica nymphacêa chamada *Victoria regina*, que adorna o Amazonas, dormem durante a noite sobre as mansas ondas do rio ou se submergem n'elle, como o loto egypcio, até que o sol fira a superficie da agua e acorde o insecto que dorme no leito côr de rosa, de alabastro e de purpura, formado pela flor. Estes insectos sabem instinctivamente que o mysterioso mecanismo que lhes subministra uma morada tão presenteira debaixo d'agua, lhes dará a sua liberdade ao sentir o ar da manhã.

Os rainunculos, que muitas vezes vemos nos tanques ou nos lagos e que se estendem sobre a agua semelhantes a estrellas brancas como a neve, cobrem de noite a especie de vaso que contem a sua semente com uma parte da mesma flor, como se fôra com um véo de gase ou de limão.

Por isto, não devia parecer que durante a noite tudo seria silencio e tranquillidade, como se a natureza inteira tivesse morrido, como se tivesse cessado o movimento do mundo? Porem nada d'isto ha; a obscuridade da noite está tão animada como a manhã com o sol; a noite tem as suas luzes, seus actores e sua vida; a scena mudou, mas o espectaculo não foi interrompido.

As estrellas brilhantes da noite, as constellações zodiacaes e a lua allumiam com a sua luz prateada os mysterios de amor das flores; velam lhes o somno em quanto o zéphiro as embala suavemente, até que a aurora as desperte e se nos apresentem pela manhã com toda a sua frescura e aspecto agradavel. As flores dormem, porem o amor das plantas continua quando estão acor-

dados, como uma especie de somno cuja imagem enganosa o dia em vão procura apagar.

Durante a noite é precisamente que a maior parte dos vegetaes exhalam os seus aromas que embalsamam o ambiente nas noites de primavera e de estio e que o vento leva a grande distancia. De tarde as flores preparam os ricos trajos que as vestem para celebrarem o resplendor da luz da noite, os mysterios cujo cumprimento lhes impoz a natureza. As chamadas *mirabilis* estendem os fios do seu calix para se abrirem ao cair da tarde e verem afundar-se o sol no oceano. O *geranium triste* começa a abrir as suas flores escuras e cheirosas á hora em que a maior parte das plantas da sua especie caem no somno; a fumaria vela aberta até ao crepusculo da manhã. As rosas silvestres dos campos, as ervilhas silvestres dos bosques, as chamadas onágras, que vegetam nas margens dos rios, todas florecem nos mysterios da noite.

Nunca na ausencia do sol ha uma calma completa; pelo contrario, durante a noite o ouvido percebe e distingue mil sonidos que nas horas do dia se confundem e ouvem juntos; a natureza quasi que não conhece o silencio. Zumbe o insecto no calix meio aberto de algumas flores, agitam-se no ar essa multidão de moscas brilhantes, que se vêem de noite nos paizes meridionaes, quando já no Oriente apparece uma facha de rosada côr, indicio da aurora, que traz consigo a agitação e o ruido da vida, que vem dominar o suave murmurio da noite. Pouco depois eleva se magestosamente o astro que allumia o mundo; as perolas do rocio nocturno dissolvem-se no oceano do ar, o perfume das flores e o canto dos passaros com o hymno da natureza inteira sobem como a homenagem da terra até ao throno do Eterno.

Então as plantas nocturnas inclinam-se ou buscam algum abrigo para dormirem resguardadas do ardor do dia ao passo que as outras acordam e se adornam com seus ricos matizes.

Assim, cada vegetal tem suas horas de repouso e actividade; porem a natureza em todas ellas manifesta a sua vida e seu incessante trabalho, ainda que este se ache algumas vezes involto no véo de um profundo mysterio que a sciencia acaso poderá penetrar algum dia.

### TRES LADRÕES

Tres ladrões, tendo roubado uma mala-posta e achando-se possuidores de uma somma consideravel, resolveram dividir entre si este dinheiro e de abandonar para sempre a sua criminosa profissão. Mas, antes de se separarem, quizeram fazer juntos uma festa. Um d'elles foi á cidade proxima buscar provisões. Os outros dois, na sua ausencia, assentaram que seria mais agradavel dividir a somma em duas partes do que em tres, e portanto quando o companheiro chegou, mataram-n'o; mas este, tendo tido o mesmo pensamento que elles, havia envenenado as provisões: comeram-n'as sem desconfiança, e no dia seguinte foram encontrados mortos os tres miseraveis.

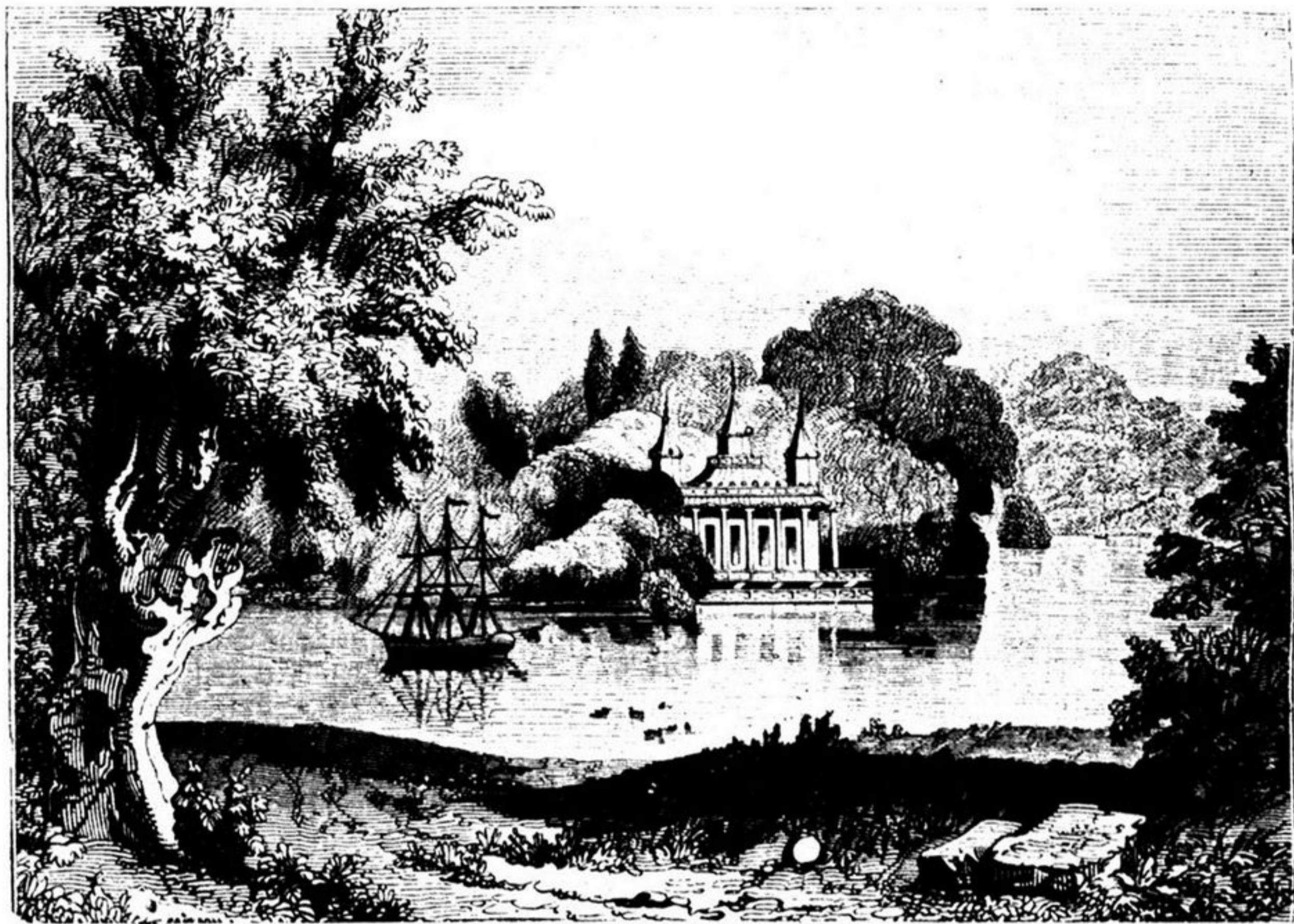
Entre mãos não é possivel haver confiança.

### WINDSOR

Junto da pequena villa d'este nome, situada no condado de Berks em Inglaterra, a trinta e dois kilometros de Londres, na margem meridional do Tamisa, ergue-se um magnifico palacio

real, cuja origem remonta a Guilherme o Conquistador. Pouco tempo depois de ter tomado posse da Inglaterra, o audacioso normando construiu esse castello que Henrique I escolheu para

sua residencia depois de o ter reconstruido por um novo plano. Carlos II concorreu tambem muito para o embellezamento d'esse palacio, que, d'essa época em diante, passou a ser a habitação pre-



Windsor

dilecta dos reis de Inglaterra, e sua residencia habitual durante o estio. Jorge III principalmente consagrou a Windsor (onde se lhe erigiu uma estatua colossal) um affecto muito particular.

Os paços de Windsor merecem essa predilecção, porque, além de serem uma residencia verdadeiramente deslumbrante, pela magnificencia dos seus aposentos onde se admiram optimas pinturas, estão rodeados por uma vasta e magnifica tapada. Admira-se n'elles um terraço, unico do seu genero, que tem seiscentos e vinte e tres metros de comprimento, e uma largura proporcionada. A vista, que d'alli se gosa, é soberba. Além o Tamisa serpeando por entre a planicie, semeada de lindas casas de campo, de brancas aldeias, mais perto a floresta com os seus umbrosos retiros, os seus lagos encantadores, e os seus graciosos pavilhões.

A nossa gravura representa um dos sitios mais pittorescos d'essa tapada. É aquelle onde o passeiante encontra de subito o lago mais formoso e mais amplo da floresta real.

## A GALATÉA MODERNA.

### VI

**D. Violante à baroneza do Alpedral.**

Minha querida. Torno a atar o fio d'esta carta, que a vinda subita de Alfredo cortou tão fóra de

geito. Foi-me necessario algum tempo de repouso e solidão para socegar e descansar da lucta.

Era ao pôr do sol. As campinas matizadas de relva resplandeciam osculadas pelos derradeiros bruxuleios do sol. As encostas, mosqueadas de espessura, ostentavam a sua belleza magestosa e pittoresca. A brisa do crepusculo começava os seus gemidos maviosos, as suas toadas plangentes, os seus rumores angustiosos.

Que magestoso espectáculo! Estavamos sentados junto á fonte. É um sitio rustico e alpestre, com sua formosura serena. Imagina um monte granitico escalvado e ermo, com rochedos apurados sobre o abysmo e encastellados uns sobre os outros. Parece que a natureza arrojou das entranhas, em hora de angustias, aquelles granitos formidaveis, que ameaçam os valles e as campinas, que vicejam ao longe.

Quando as sombras da noite se alargam e vão cobrindo a amplidão com o seu crepe de tristezas; quando nenhum ruido interrompe a calada profundamente ascetica d'esta Thebaida, julgamos que os granitos são craneos de gigantes, os quaes em tempos primitivos, ali combateram e deixaram as suas ossadas.

Mais para baixo, em um reconcavo formado por uma lapa agigantada, serpeia por entre limos,

um veio de agua, que se ajunta em uma bacia granitica, para correr depois, irriquieto e louco, seguindo ondulações caprichosas, pelos fraguados e selvados, até desembocar n'uma ribeira, que banha o valle.

Tal é a *fonte fresca*, a minha fonte de Arethusa, a minha Castalia, tosca e humilde e perdida n'estas fragas, tão distantes do bulicio. Tal é a minha fonte sob cujo olmeiro, que a ensombra, venho sentar-me, em horas de melancolia, dando largas á minha imaginação, que se recreia em illusões e enganos! Deixal-a, a pobrinha, seguir o arroio nos seus meandros, e perder-se com elle no mar dos destinos! Deixal-a bater as azas e folgar livre á tardinha, que é a hora dos leucos pensares, e do scismar undivago.

Ah! Que extasis não tenho sentido ali, sob a copa do velho olmeiro! Quantas vezes ai! quantas, mal podendo soffrer as tristezas da solidão, não tenho passado ali, horas e horas, cravando bem fundo o punhal no peito, cingindo o cilicio doloroso, sorvendo, com acre voluptuosidade, as lagrimas, que me caíam a jorros e me orvalhavam o rosto ennegrecido! Quantas vezes, vendo-me só, desamparada, Agar intemerata d'este deserto, não tenho invejado o destino das pastorinhas, que levam, rindo e cantando, o fardo da vida que pouco lhes peza. Para ellas, mil vezes hei pensado, é ligeira a vida n'estes fraguados alcantilados. São como as flôres selvagens que desabroçam e se espanejam nos estevaes. Que importa que o vento sopra e o trovão estrondeie em furia? Abriga-as o rochedo inabalavel, e passada a tormenta, o sol ha de voltar e algum raio as aquecerá. Tudo olvidam então. Secca-lhes o pranto a brisa, que as embala. As petalas abrem-se outra vez e exalam os seus perfumes, que haviam escondido no seio. Quando vier o inverno, já passaram a primavera em sorrisos, já se desentranharam em sementes no estio. Que importa a morte agora?

Mas eu o que sou? Violeta perdida nas fragas temo a tempestade, que pôde derrubar-me. Em vão exhalo mil fragancias, que se perdem no pinheiral sombrio. Como posso encontrar encantos na solidão? Falta-me um abrigo. Se o vendaval attentar em mim, quando desencadeiar as suas furias, não hei resistir. Serei levada ao longe, e macerada, quasi desfeita em pó, lá irei revolteando ao sabor do vento até desaparecer no espaço.

Mas se alguém me colhêr, não emmurhecerei logo? Não serei esquecida, mal perder o frescor e o viço campestre? Assim tenho pensado mil vezes, e não podes medir as angustias, que hei soffrido. Outras vezes, porém, em horas mais propicias, deixo-me embalar nas ondas do esquecimento. Como o rouxinol, que entristece na gaiola, que mão traidora lhe teceu, se acerto de quebrar os grilhões, que me algemam, abro as azas, elevo-me ás alturas, paio nas nuvens, e vejo o mundo a meus pés, como uma esphera de ouro que me segue submissa. Goso então momentos fu-

gazes de ineffavel ventura. Todos os ruins sentimentos se esvaeem, como fumo. Desprendo-me da vida, esqueço os enredos do mundo e os liames que me tolhem os movimentos. Nada pôde conturbar então os esplendores, que a minha phantasia arranca do cahos.

Remonto ás edades primitivas, quando a terra, joven ainda, rangia nos eixos, e se desentranhava em seres fabulosos.

Tudo é serena e pura harmonia nas alturas, aonde me libro. Tudo é limpido e azul. Mas eis-me sentada junto de Alfredo, sob as ramas do olmeiro, ouvindo o chilrear dos passaros na espessura, e o doce murmurio da limpha, que se despenha no granito.

Estamos silenciosos. Como que em vão queremos ouvir o pensar mutuo. Derepente Alfredo fita-me e exclama:

— Que tarde! Que esplendores lançados a flux por todas essas veigas, que se desenrolam no sôpe das montanhas como listões viridantes! Que profusão de lindezas com que a terra se arraia nos seus dias felizes! Que ornatos e enfeites! Na cumeadade debruçam-se os gigantes de pedra, na encosta agita-se a ramaria, nos valles espaneja-se a relva. E a agua, a limpha cristallina a fecundar tudo isto! E as flôres a matizarem as campinas, a desabroxarem aos raios do astro! E os fructos a irromperem já por entre flôres! E a brisa a gemer, a soluçar, e a sacudir os ramos do arvoredado umbroso! É além no fundo o mar, relincto com os ultimos raios do dia. E no extremo do horizonte, na orla afastada, o sol que mergulha e sorri para a terra. Tudo isto, Violante, exclamou Alfredo travando-me da mão, são fremitos de amor. Tudo ama no mundo, porque o amor é a harmonia. A terra é um altar immenso, sobre cuja ara sacrosanta tudo se liga pelo amor. O proprio rochedo é sympathico com a agua. O perillampo, que voeja em raios de luz, arde em ancias amorosas. O insecto que zumbe, a chrysalida que se transforma, a água que corre, o vento que geme, a floresta que murmura, os passaros que cantam, os campos que se adornam, os rochedos que se desfazem, o ar que se agita, o trovão que rouqueja, o raio que fulgura, o mar que ondêa, a propria terra, que gravita em torno do sol, como que namorando-o, e a lua, que segue a terra, e os planetas que cortejam o astro, e as estrellas que sulcam a amplidão, e as nebulosas, que se desentranham em mundos, tudo isto ama, tudo isto é a paixão, é o concerto unico e melodico do amor, é a orchestra divina da harmonia, cujas modulações infindas, ferindo as ethereas ondas, convergem para a derradeira e perfeita harmonia! Porque a vida é o liame sympathico, que une em intimo consorcio a criação e o creador. Porque o movimento é a melodia perenne e eterna, é a musica suavissima, é o fremito d'essa harpa, cujas cordas são os mundos, e cujo rythmo é o amor, cujas modulações são os canticos, que se alevantam do seio dos mundos. Nenhuma nota se perde, nenhuma discorda. A afinação é per-

petua. Oh! quem me dêra amar também! Quem me dêra ajuntar o meu hymno de amor á harmonia do universo! Quem me dêra erguer-me e exclamar: eu amo, e no concerto suavissimo da natureza, achei eco do meu amor! Quem me dêra encontrar um peito de mulher, um peito de anjo, aonde repousar das fadigas, aonde contar as pulsações do meu coração! Porque n'esse peito estaria eu todo, a minha alma, a minha vida. Esse peito seria o meu tabernaculo, o meu altar.

E depois....

— Como o sol mergulha no oceano! interrompi eu, sentindo-me avastada, perdida, quasi louca ao ouvir as palavras inspiradas de Alfredo, que d'esta vez se me afigurava um vidente, um verdadeiro poeta, e não um homem mesquinho e vulgar. E era necessario interrompê-lo. Eu seguia as suas palavras pasmada, absorta, como que vendo descerrarem-se novos mundos e horisontes novos nas trevas, que me circumdavam. Mas a vida, a vida real, negra, pobre, e misera! Ao lado d'aquelles esplendores via o derrocado solar de meus antepassados, que era forçoso reconstruir. Ao lado da poesia de Alfredo via o meu character derrancado pela educação, pela pobreza, e por ti, minha querida e pelos teus perfidos conselhos. Ah! Esta é a tristissima verdade. Sou incapaz de elevações. Como o passarinho ferido na aza, em vão quero alçar o vôo, que logo caio dolorida, rastejando nas sarças e silvados da vida. Mas era tal o meu enlevo, que não me atrevi a interromper Alfredo com uma observação futil ou zombeteira.

— Eil-o, exclamou logo Alfredo erguendo-se como o propheta sobre as ruinas de Babylonia. Eil-o, o rei do universo, a patria da suprema luz. Lá parece mergulhar nas ondas entumecidas, que enlouquecem de amores. Lá precipita no oceano o seu rio de fogo, que se espraia em jorros fervidos na athmosphera incendiada! Lá parece reclinar-se por entre franjadas de mil côres purpurinas, no throno real! Mas não! Mais altos são os seus destinos. Outras regiões o chamam, que de todos é vida. Todos os planetas o querem, todos o cortejam. Se eu pudera seguir-te, ó sol, no teu caminhar radioso! Se eu pudera bater as azas, como a borboleta, e volitar humilde e contente a cegar-me na tua luz! Se eu pudera levar nas azas aquella que eu amasse! Como me engolphara nas tuas ondas, ó sol! Como arquejára venturoso! Com que prazer eu deixára a terra! Vira tudo a meus pés! tudo me parecêra pequeno e desprezível!

Embalado nas ondas luminosas, circumdado de mundos, cujo fragor não me assustára, eu fôra o mytho eterno do supremo anceiar da poesia humana.

Ah! mas sou apenas homem, sou fraco, e por mais que nade no infinito oceano, jámais chegarei á terra da promessa.

E Alfredo, como se a vida lhe houvéra faltado derepente, encostou-se ao tronco do olmeiro, e ficou pensativo e mudo. Eu estava assentada á beira da fonte. Puz-me a contemplal-o! Como

aquelle homem era digno de amor! Que thesouro de poesia não encerrava aquella coração! Que felicidade immensa para quem podesse colhel-o! E era eu, tão moça, era eu, com os meus dezoito annos, que assim pensava! Eu, sim, porque desejo a minha felicidade e a de Alfredo, porque não quero amal-o nem devo ser amada.

Iam entanto as sombras da noite invadindo a terra. No valle já não se divisava a casaria senão fossem os clarões, que brilhavam de quando em quando. Ergui-me e toquei no hombro de Alfredo, o qual como que accordou de profundo lethargo, em que a lembrança do presente se esvaecesse perante o devaneiar da phantasia.

— Amanhã, disse-lhe, responderei.... poeticamente.

— A resposta é simples. Ama-me, ou não me ama? Sim ou não!

— Se eu soubesse! Amanhã á tardinha aqui seremos. Venha armado de ponto em branco, que a liça hade ser de respeito. Tem em mim um adversario terrivel.

— Já estou vencido. Pertence á rainha da belleza o premiar-me.

— Eu sou apenas campeador... por enquanto. Quem sabe aonde está a rainha da belleza? Talvez bem distante. O futuro a Deus pertence. Vamos, vamos. Meu pai já hade estar impaciente, á espera do chá.

E pusemo-nos a caminho. Felizmente a distancia é pequena, e passados dez minutos estavamos em casa.

Agora minha querida baroneza, que estou mais socegada, não sei como me pode sair do combate. Foi rude, não é assim? Mas como heide vencer Alfredo? O que heide fazer? Seriam vãos todos os meus projectos, e acabaria por amal-o, como qualquer camponeza? E as minhas juras? Não serei tão má, como me julgo? Serei capaz de uma grande paixão? Não quero pensar nem estudar. Entrego-me á sorte. Proteja-me o acaso.

Enviã-te um beijo pelas auras a tua — VIOLANTE.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS

(Continua)

## MOZART

Temos o grande maestro chegado ao apogeu do seu talento. Em 1781 escreve o *Idomeneu*, que foi representado em Munich. Esta opera indica a transição dos fructos precoces da sua infancia e da sua adolescencia para os fructos sasonados da sua mocidade. As formosas, mas de certo mais ou menos incorrectas, composições dos seus primeiros annos transformam-se n'esta opera na belleza perfeita, grave e classica. Engana-se contudo quem suppozer que Mozart parou n'este ponto, em que se completa o desenvolvimento rapidissimo do seu talento. A aguia implumou-se rapidamente, subio de fraga em fraga, de alcantil em alcantil, attingio finalmente o pincaro sublime, onde só vê em torno de si raros companheiros, e onde pôde sentir uma vertigem ao contemplar nos degrãos d'essa escada de fraguados, que elle subio velozmente, impellido pela febre do genio, os talentos de segunda ordem, que o

viram passar aterrados como que envolto n'um turbilhão; a seu lado, os velhos mestres, os patriarchas da arte do seu tempo, contemplam com espanto o moço de vinte e cinco annos, cheio de ardor e de enthusiasmo, que se lhes vem reunir no sitio aonde elles só chegaram depois de improbas fadigas. Mas Mozart nada vê do que o rodeia; levanta os olhos, e divisa a immensidade azul, a vastidão dos desconhecidos horisontes, o sol radiante em que os outros não ousam cravar os olhos. Foi então que elle se sentio devéras aguia, e que se arrojou com um grito d'enthusiasmo a esses espaços não sulcados.

Foi o amor quem lhe deu o arrojio, foi o amor quem o ensinou a pairar n'esse ambiente luminoso. Casára n'esse anno de 1781 com a celebre cantora Lange. Noivo ainda, em toda a effervescencia da sua paixão, na flor do seu affecto, compoz, por ordem do imperador José II, a opera *Belmonte e Constancia*. Esta opera, representada em 1782, foi o primeiro passo dado por elle na nova carreira.

A musica, até ahi, seguindo o exemplo da poesia, e moldando-se pelo espirito acanhado do seculo, tomára por ideal a correcção, a frieza classica, e não ousára eximir-se das regras, que prescreviam a magestade serena, que obrigavam a instrumentação a não passar de simples e pobres acompanhamentos, que dividiam cautelosamente os generos pondo para um lado o comico, o tragico para outro. O espirito allemão, ainda que mais livre do que o espirito das outras nações, agitava-se comtudo apenas nas abstracções da phylosophia, e na litteratura esperava ainda a palavra emancipadora de Goethe. Na musica a Allemanha reconhecia submissa a preeminencia da Italia, e recebia as licções dos seus mestres. Mozart não era ainda o homem que havia de emancipar o espirito nacional; o seu genio fozoso, doirado por um rellexo do sol italiano, que vai, reverberando nos gelos dos Alpes Tyrolezes, illuminar no sul da Germania a linda cidade de Salzburgo, não perceberia talvez o genio scismador de Beethoven, e a vaga e immensa melancolia do auctor d'Euryantho. Mas o de que elle era muito e muito capaz era de revolucionar a arte, introduzindo-lhe a paixão, de ceder aos caprichos da sua inspiração, sem alterar muito sensivelmente as velhas formas, porem fazendo circular por baixo do tecido marmoreo da formosa mas fria estatua, que symbolisava a antiga arte, um sangue juvenil e ardente. O seu papel na musica corresponde ao que Bocage desempenhou entre nós na litteratura, ao que André Chénier desempenhou em Franca. Depois Weber e Beethoven na Allemanha, Rossini na Italia completariam a transformação.

Em 1785, continuando o caminho encetado, escreveu o *David Penitente*, e as *Bodas de Figaro*. Esta opera, que era a sua predilecta, assustou o publico de Vienna, que costumado a farças musicas, não podia comprehender este novo genero d'opera comica com tanta vida, tanta amplidão, tão brilhantes melodias. Era a predecessora e a rival do *Barbeiro de Sevilha* de Rossini. Ainda hoje se representa com successo igual, ao que obtem a obra prima do maestro de Pesaro.

Finalmente em 1787 escreveu a sua grande obra, a que só por si lhe poderia dar a immortalidade, o *D. Juan*. Era a final um verdadeiro

poema cheio de paixão, de elegancia, de sentimento, e ao mesmo tempo de alegria fina e ligeira. Para se avaliar a que distancia arrojára já o leão as velhas correntes das regras, basta lêr-se o conto d'Hoffmann *D. Juan*, e as estrophes, que Alfredo de Musset no seu poema *Namouna* consagra á serenata d'essa opera. Pedimos aos leitores que leiam ou releiam os trechos que indicamos.

Mas o homem caminhava para o occaso da existencia, sem que o genio perdesse um só dos raios da sua corôa. Tudo são obras primas d'ahi em diante: *Così fan tutti*, composta em 1790; em 1791 a *Flauta encantada*, a *Clemencia de Tito*, e o famoso *Requiem* a que não pôde dar a ultima demão, e que servio para as suas proprias exequias. No dia 5 de dezembro d'esse mesmo anno, morreu d'uma hydropisia cerebral, em todo o vigor do seu genio, não tendo ainda completado trinta e seis annos!

Vendo desaparecer tão cedo da scena do mundo este vasto genio musical, o maior talvez de todos os tempos, occorre-nos o pensamento, que nos occorre tambem, vendo morrer Bocage, com quem já o comparámos, na mesma idade, tambem no vigor do seu genio, e deixando tambem um *Requiem* sublime—os sonetos, que dictou no leito do moribundo.

Esse pensamento é o seguinte: O que fariam estes grandes homens, se a morte os não arrebatasse, quando ainda a sua intelligencia, em pleno sazonar, promettia tantos fructos? Quem sabe? Sairam talvez a tempo. Estes audaciosos Titães, cuja fronte sublime topeta no Olympo, devem sair da scena antes que os esmaguem os montes que sobrepuzeram. Deus, que não quer vingar-se como o phantasiado Jupiter, não consente que os audazes Prometheus cheguem a tocar no fogo sagrado. *Le ciel*, diz Alfredo de Musset

...ressemble à l'âme humaine.  
Il s'y trouve une sphère où l'aigle perd haleine,  
Où le vertige prend, où l'air devient du feu,  
Et l'homme doit mourir où commence le Dieu!

PINHEIRO CHAGAS.

## RESPEITO À INFANCIA

Respeitae a velhice, muito bem; mas respeitae tambem a infancia! respeitae n'essa alma, apenas emanada do seio da natureza, a imagem de Deos, que o halito corrompido da sociedade ainda não embaciou; respeitae os designios providenciaes que repousam n'esse berço.

Essa criança poderá ser um Homero, um Camões, um Descartes, um Washington, um Miguel Angelo; e se não é nada d'isto, não é já para vós a lembrança viva dos extasis do amor, o penhor e como que o sorriso da vossa immortalidade!?

....Porque para dar, e não para se guardarem as riquezas mundanas se hão de desejar.

FRANCISCO DE MORAES